

## **Sindicalização dos Jornalistas: Percepção dos Profissionais da Região Metropolitana do Cariri Cearense<sup>1</sup>**

Denilson Rodrigues de Sousa<sup>2</sup>  
Ligia Coeli Silva Rodrigues<sup>3</sup>

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

### **RESUMO**

O trabalho discute a percepção dos jornalistas da Região Metropolitana (RM) da região do Cariri cearense em relação aos processos de sindicalização e traz resultados parciais de uma pesquisa em andamento através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). A partir de entrevistas semiestruturadas com 16 profissionais, identificou-se um baixo número de associados ao Sindicato dos Jornalistas do Ceará (Sindjorce) e discursos de descrença em relação à instituição. O tema foi abordado a partir da análise das novas configurações estabelecidas no mundo do trabalho (FILGUEIRAS, 2021) e dos desafios do atual sindicalismo brasileiro (POCHMANN, 2020; ANTUNES, 2020).

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; sindicato; mundo do trabalho; Ceará.

### **INTRODUÇÃO**

Nas últimas décadas a profissão jornalística, assim como todas as outras, passou por inúmeras transformações. Do impresso ao digital, o consumo de notícias permaneceu, mas as condições sob as quais essas notícias são produzidas e quem as produz mudou drasticamente. Estudos da sociologia do trabalho, como o de Oliveira *et al.*, (2019), apontam para o surgimento de trabalhos autônomos, informais, cooperativos, não salariais, semissalariais ou salariais disfarçadas e vínculos marcados por flexibilizações e precarizações. É neste universo complexo que o jornalista atua – também é este o horizonte ao qual a organização sindical deveria dirigir o seu olhar.

Nesta miríade de mutações trabalhistas, a presente pesquisa se volta para a insegurança laboral dos jornalistas, os quais são muitas vezes obrigados a se submeterem a baixos salários e à aceitação de mais de um emprego para conseguirem sobreviver, muitas vezes trabalhando em mais de um meio de comunicação de forma simultânea.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Jornalismo da UFCA, email: [denilson.sousa@aluno.ufca.edu.br](mailto:denilson.sousa@aluno.ufca.edu.br)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Cariri (UFCA), email: [ligia.rodrigues@ufca.edu.br](mailto:ligia.rodrigues@ufca.edu.br)

Debates dessa natureza também se fizeram presentes em uma pesquisa com foco em países ibero-americanos (BLANCO-HERRERO *et al.*, 2020). No entanto, o nosso olhar se volta à Região Metropolitana do Cariri Cearense (RMC), composta por nove cidades: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Jardim, Missão Velha, Caririaçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri. A RMC, polo comunicacional, apresenta também uma série de fragilidades nos vínculos e formas de trabalho que ainda estão sendo investigadas pela pesquisa da qual este texto se origina. No entanto, focamos em dois dos aspectos apontados pela pesquisa macro: o baixo índice de sindicalização dos jornalistas caririenses e discursos de descrença destes profissionais em relação ao Sindicato dos Jornalistas do Ceará (Sindjorce). O objetivo é, sobretudo, apresentar possíveis causas para esta baixa adesão e perspectivas para o futuro da atuação sindical na RMC.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É impossível olhar para a história desde o século XIX sem perceber o forte papel que o sindicato exerceu. Consequentemente, não há como falar em forças sociais do trabalho sem correlacionar com o impulso deste ator (SANTANA, 2015). No entanto, ao passo em que o mundo do trabalho passou por diversas transformações nos últimos séculos, a atuação e a força sindical também se alteraram. O Sindicato surge como propulsor da organização e da representação das lutas das classes, em defesa dos interesses dos trabalhadores e da igualdade social, como aponta Ramalho (2000). Em seus primórdios, porém, os sindicatos possuíam faces muito industriais. “São instituições que surgiram na maioria dos países (industrializados) como organismos de representação de interesses setoriais, frequentemente locais e coletivos, e que se tornaram organizações mais abrangentes de forma lenta” (RAMALHO, 2015, p. 6).

Ainda que autores como Ramalho e Santana (2015) apontem a importância histórica desta instituição, ambos reconhecem que o Sindicato se encontra em crise. Tal momento, é apontado como consequência do processo de globalização e das transformações que, nos últimos anos, se estabeleceram no mundo, “modificando, de forma contraditória e heterogênea, padrões econômicos, políticos, sociais e culturais, e conformando a sociedade contemporânea” (SANTANA, 2015, p. 453). A partir disso, ao mundo do trabalho e, consequentemente, à profissão jornalística, são aplicadas reconfigurações de padrões de trabalho, normas, práticas e vínculos.

Pochmann (2020), que questiona o futuro do sindicato de forma mais abrangente, enfatiza o enfraquecimento dessa instituição com o passar dos anos. Ao apontar a reafirmação da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2019) de que tem sido visível na realidade das nações a precarização da classe trabalhadora e o enfraquecimento da organização sindical, o autor não nega sua visão pessimista sobre o assunto. “As diversas antevisões um tanto otimistas acerca das possibilidades dos trabalhadores na nova sociedade do conhecimento tornam-se cada vez mais ilusórias”, (POCHMANN, 2020, p. 41).

## **METODOLOGIA**

Foram realizadas 16 entrevistas semiestruturadas com jornalistas atuantes em veículos de imprensa e/ou em assessorias de comunicação nos municípios de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, que concentram o maior número de meios de comunicação da RMC. Consultamos apenas aqueles que possuíam o diploma de graduação em Comunicação Social (Jornalismo). Cada profissional foi questionado se era sindicalizado e como percebia a atuação do Sindicato dos Jornalistas do Ceará (Sindjorce) na Região do Cariri. A fim de garantir o sigilo dos consultados e de evitar quaisquer constrangimentos, identificamos as pessoas entrevistadas através de códigos, como Entrevistado 1 (E1), Entrevistado 2 (E2) e assim sucessivamente.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

As respostas revelaram uma baixa adesão à sindicalização. Das 16 pessoas consultadas, apenas duas afirmaram ser sindicalizadas. Ainda que esta pesquisa não seja de caráter quantitativo e nem generalizante, o dado nos alerta para uma não compreensão do jornalista enquanto classe trabalhadora, ideia que vai de encontro com aquilo que Pochmann (2020) afirma sobre a representação sindical, em que “o sujeito social fundante no interior da classe trabalhadora constitui a base pela qual a organização laboral estabelece a sua representação de interesses e ações de lutas” (POCHMANN, 2020, p. 218). Vale, portanto, destacar que o sindicato não surge como uma instituição filantrópica, mas sim do coração do trabalhador – ele é fruto do seu desejo de se organizar para lutar por seus próprios direitos e por igualdade (RAMALHO, 2015).

Ao serem questionados sobre como percebiam a atuação do Sindicato dos Jornalistas do Ceará (Sindjorce), os entrevistados teceram críticas à instituição, declarando que notavam certa fragilidade de atuação na região do Cariri Cearense. Na resposta de E3, temos: “eu acho que eles querem apenas ganhar o nosso dinheiro sindicalizado, então, se for pra dar meu dinheiro de graça, eu prefiro guardar pra mim e gastar com outra coisa”. O pensamento da consultada se refletiu também nas palavras de E14, que disse perceber um maior interesse financeiro por parte da instituição, ao declarar: “eu quero ver ações na prática, melhorias e avanços e não apenas uma nota de repúdio quando muita gente for demitida”.

Visão diferente foi expressa por E12 que, além de sindicalizada, também atuou no órgão e diz “o sindicato tem feito um bom trabalho nos últimos anos”, embora reconheça que o Sindjorce poderia ser mais eficaz no Cariri. Uma fala que nos chamou a atenção e que merece reflexões foi o receio identificado na fala de E4, que disse temer entrar em contato com o sindicato ou de se sindicalizar e isso afetar negativamente suas relações com a empresa onde trabalha. Tal depoimento nos lembra do alerta feito pelo pesquisador Ricardo Antunes (2020), que aponta para o crescente processo de individualização do trabalho e a ruptura do tecido de solidariedade antes presente entre os trabalhadores. Esse temor de recorrer à instituição que deveria lhe auxiliar é também, em consonância com o que diz Filgueiras (2021), exemplo de uma estratégia discursiva aplicada atualmente por empresas de tecnologia (mas que são herdeiras de práticas empresariais anteriores), que promovem o afastamento de definição de vínculo pois assim “trabalhadores, sindicatos e Estado têm mais dificuldades para limitar o poder empresarial, pois as ações tendem a se voltar aos intermediários e se afastar da contratante” (FILGUEIRAS, 2021, p.87).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através da escuta aos profissionais e da revisão bibliográfica, identificamos uma ausência da compreensão dos jornalistas em relação à importância da sindicalização enquanto poder de mobilização. Assumimos como importante o posicionamento de Ricardo Antunes (2020) ao defender que a ferramenta do sindicato é imprescindível, mas que carece de estratégias de organização e luta que abarque as novas formas de trabalhar no capitalismo contemporâneo, rompendo com “[...] a enorme barreira social que separa



trabalhadores ‘estáveis, em franco processo de redução, daqueles submetidos às jornadas de tempo parcial’ (ANTUNES, 2020, p.155). Antunes (2020) defende que “é essa quebra de laços de solidariedade e, por conseguinte, de acionamento das estratégias coletivas de defesa entre os trabalhadores que se encontra na base do aumento dos processos de adoecimento psíquico” (ANTUNES, 2020, p.147). O baixo índice de jornalistas sindicalizados ilustra um desafio local, marcado por vínculos laborais frágeis e que em alguns casos entendem a sindicalização como um risco de ser mal visto pelas empresas e contratantes. Se aqueles que exercem a profissão jornalística não possuem consciência de que fazem parte de uma classe trabalhadora, torna-se impossível que estes se organizem como tal – já que o sindicato, como afirmado neste artigo, nasce desta realidade.

A percepção dada pelas pessoas entrevistadas em relação ao Sindicato dos Jornalistas do Ceará (Sindjorce) na Região Metropolitana do Cariri Cearense não pode ser entendida como uma possível causa para as situações relacionadas à precarização. Este cenário deve, antes, ser percebido como um fragmento da complexa crise enfrentada pelo sindicalismo na atualidade, herança do processo de globalização. O presente trabalho também deixa rastros para que outras pesquisas se dediquem a abrangê-lo, sobretudo, levando em consideração que ela nasce de um PIBIC em andamento que busca investigar a situação laboral dos jornalistas que atuam apenas na região do Cariri cearense.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da Servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2020.

BLANCO-HERRERO, D., OLLER ALONSO, M. ARCILA CALDERÓN, C. (2020). **Las condiciones laborales de los periodistas iberoamericanos**. Diferencias temporales y geográficas en Brasil, México, Chile, España y Portugal. *Comunicación y Sociedad*, e7636. <https://doi.org/10.32870/cys.v2020.7636>

FILGUEIRAS, Vitor. **“É tudo novo”, de novo**: as narrativas sobre as grandes mudanças no mundo do trabalho como ferramenta do capital. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

OLIVEIRA, Roberto Vêras de. RAMALHO, José Ricardo. ROSENFELD, Cinara. **A Sociologia do Trabalho e suas interfaces: trajetória e tendências atuais**. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. 2019.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande/PB – 20 a 22/06/2023

POCHMANN, Marcio. **O Sindicato tem futuro?**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

RAMALHO, José Ricardo. **Trabalho e sindicato: posições em debate na sociologia hoje**.  
Revista de Ciências Sociais Dados, 2000.

SANTANA, Marco Aurélio. **Para onde foram os sindicatos?**. Caderno CHR, Salvador. 2015.